FTC: GÉNERO+ E DIVERSIDADE

NEWSLETTER

TRABALHO DIGNO: PARA ALÉM DO EMPREGO



EDITORIAL DA EDIÇÃO

Ter trabalho é importante. Mas o número de pessoas empregadas não nos diz, por si só, **em que condições trabalham, que segurança têm ou que possibilidades encontram para se desenvolver**.

Nesta edição, olhamos para a qualidade do trabalho e para aquilo que os números podem - e não podem - revelar sobre a vida profissional das pessoas.

NESTA EDIÇÃO

01 **ARTIGO DE OPINIÃO**
Ter trabalho chega? O que precisamos de saber para além do número de empregos.

02 **FTC EM MOVIMENTO**
Da presença à participação efectiva: formação ADRA - Antenas Huíla e Namibe

03 **LEITURA E REFERÊNCIA**
RTP África + uma publicação da OIT dedicada à protecção no desemprego em Angola

04 **DESAFIO ESTRATÉGICO**
Jogo da Forca
Cinco palavras. Uma mensagem escondida.

05 **HISTÓRIAS DO MUNDO DO TRABALHO**
Hoje há obra. Amanhã, não se sabe

PERGUNTA DO MÊS

Que qualidade tem o trabalho que estamos a criar?



EM DESTAQUE

TER TRABALHO CHEGA? QUANDO O EMPREGO NÃO CONTA TODA A HISTÓRIA

Por: FTC: Género+ e Diversidade

Se duas pessoas nos disserem "eu trabalho", já sabemos o suficiente sobre a realidade profissional delas?

Uma pode ter rendimento regular, horários previsíveis, protecção social, condições seguras e possibilidades de aprender. A outra pode trabalhar todos os dias, mas sem saber quanto conseguirá ganhar no final do mês ou se terá actividade na semana seguinte.

As duas trabalham. Mas podemos olhar para as duas situações da mesma forma?

É esta a pergunta que queremos explorar em Novembro, mês em que se assinalam o Dia da Juventude Africana, o Dia Africano da Estatística e o Dia da Industrialização de África.

Cada uma destas datas olha para a mesma questão a partir de um ângulo diferente: a juventude lembra-nos para quem precisamos de criar oportunidades, a estatística dá-nos instrumentos para medir a realidade, e a industrialização aponta um dos caminhos para criar actividade económica e emprego.

Juntas, lembram-nos que não basta saber se existe trabalho; é preciso compreender que trabalho existe e em que condições é realizado.

ESTAR EMPREGADO CONTA APENAS UMA PARTE DA HISTÓRIA

Segundo o INE, em 2025, o emprego informal abrangia cerca de quatro em cada cinco pessoas empregadas em Angola (INE). Este número merece atenção, mas também cuidado na interpretação.

Emprego informal não significa ausência de trabalho, nem falta de valor nessas actividades. Muitas sustentam famílias, prestam serviços, movimentam mercados e geram rendimento.

Mas a informalidade não é uma realidade única. Uma pessoa que vende por conta própria por falta de alternativas, outra que escolheu esse caminho para trabalhar de forma independente e uma pessoa que exerce uma actividade sem vínculo ou protecção social vivem situações diferentes e podem precisar de respostas diferentes.

Por isso, contar quantas pessoas trabalham não nos permite conhecer, por si só, as condições em que trabalham. **O rendimento é suficiente e previsível? Há protecção social? O ambiente é seguro? Existem possibilidades de aprendizagem?** A pessoa consegue conciliar o trabalho com o resto da vida?

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) define trabalho digno a partir de dimensões que incluem trabalho produtivo e rendimento justo, segurança, protecção social, perspectivas de desenvolvimento pessoal e igualdade de oportunidades e de tratamento.

Há ainda situações que mostram por que estar empregado não conta toda a história.

O subemprego, por exemplo, inclui pessoas que trabalham, mas gostariam e estariam disponíveis para trabalhar mais horas. Estão classificadas como empregadas e, ainda assim, o trabalho disponível não aproveita plenamente a sua capacidade de trabalho.

Quando dizemos que alguém está empregado, portanto, ainda há muito que não sabemos sobre o seu trabalho.

E QUANDO FALAMOS DE JOVENS?

No segundo trimestre de 2026, a taxa de desemprego entre jovens dos 15 aos 24 anos em Angola foi de 40,5%. Em termos simples, entre cada 10 jovens que faziam parte da força de trabalho — a trabalhar ou sem emprego, disponíveis e à procura de trabalho — cerca de quatro estavam desempregados (INE).

No mesmo período, a taxa de emprego deste grupo era de 21,9%. Ou seja, em cada 100 jovens dos 15 aos 24 anos, aproximadamente 22 estavam empregados.

Há aqui um detalhe que importa. Estes dois números não se somam para completar 100%, porque medem coisas diferentes.

A taxa de emprego é calculada sobre toda a população daquela idade. A taxa de desemprego é calculada apenas sobre quem faz parte da força de trabalho, isto é, quem tem emprego ou, estando sem emprego, está disponível e à procura de trabalho.

Há ainda jovens fora da força de trabalho, por ex., porque estudam ou porque não estão disponíveis e à procura activa de emprego.

Pode parecer apenas uma explicação estatística. Não é. Se não compreendermos o que um indicador mede, podemos olhar para um número verdadeiro e chegar a uma conclusão errada.

E há uma pergunta que estes números, sozinhos, não respondem: que condições encontram os jovens quando conseguem trabalho? Entrar no mercado é importante. Mas permanecer num trabalho que permite ganhar experiência, desenvolver capacidades e construir alguma estabilidade também importa.

INDUSTRIALIZAR PARA CRIAR QUE TRABALHO?

As Nações Unidas destacam que o desenvolvimento industrial pode aumentar a produtividade, desenvolver capacidades, gerar emprego e contribuir para a diversificação das economias. Isso ajuda a perceber por que a indústria pode ser uma fonte importante de oportunidades para uma população jovem.

Mas esta relação não é automática.

Imagine duas unidades industriais que criam, cada uma, 200 postos de trabalho. O número é igual. Numa, existem vínculos mais estáveis, regras de segurança, formação e possibilidades de desenvolvimento.

Na outra, os vínculos são mais precários, a formação é inexistente e as funções com maior responsabilidade permanecem concentradas num grupo restrito de pessoas.

O número de empregos pode ser igual; a experiência e a qualidade desse trabalho não são. É por isso que, perante novos postos de tra-

balho, não basta perguntar quantos foram criados.

Importa saber que rendimentos oferecem, que condições de segurança existem, que oportunidades de aprendizagem proporcionam e quem ocupa os diferentes tipos de funções.

Igualmente, importa observar se essas condições variam entre mulheres e homens, jovens, pessoas com deficiência e outros grupos.

Não se trata de concluir antecipadamente que existe desigualdade, mas de saber o que precisamos de medir antes de afirmar que o trabalho criado está a produzir melhores condições de vida.

COMO OLHAR PARA A QUALIDADE DO TRABALHO

A qualidade do trabalho não se mede com um único número, mas há perguntas simples que qualquer análise séria pode fazer.

O rendimento é suficiente e previsível? Existe alguma forma de protecção em caso de doença ou perda de trabalho? A pessoa trabalha as horas de que necessita ou gostaria de trabalhar mais? Tem acesso à formação? Em que condições de segurança trabalha?

Há ainda um cuidado metodológico importante.

Desde o quarto trimestre de 2025, o INE passou a utilizar uma nova série estatística do Inquérito ao Emprego, com alterações conceptuais e metodológicas. Por isso, comparações entre os dados actuais e séries anteriores exigem prudência.

É mais uma razão para não olhar apenas para o número, mas também para a forma como foi produzido e aquilo que efectivamente mede.

AS ORGANIZAÇÕES TAMBÉM PODEM OLHAR PARA A QUALIDADE DO TRABALHO

Esta conversa não pertence apenas às grandes políticas económicas.

Uma empresa pode saber quantas pessoas emprega e, ainda assim, conhecer pouco sobre como essas pessoas vivem o trabalho que oferece.

Pode acompanhar salários, vínculos e horas de trabalho, mas também segurança, acesso à formação, acessibilidade, protecção e diferenças entre grupos. Os dados quantitativos nem sempre chegam.

Uma taxa de rotatividade mostra quantas pessoas saíram; uma entrevista de saída pode ajudar a perceber porquê. Um registo de absentismo mostra quantos dias foram perdidos; uma investigação pode revelar problemas de saúde, transporte, responsabilidade de cuidado, acessibilidade ou organização do trabalho que uma folha de cálculo não explica.

É neste encontro entre dados e experiência das pessoas que a pesquisa social se torna particularmente útil para as organizações.

Então, ter trabalho chega? Não.

Mais do que contar empregos, precisamos de olhar para as condições em que o trabalho é realizado e para aquilo que ele permite construir na vida das pessoas.

Da próxima vez que ouvir que foram criados novos empregos, pergunte-se:

Que qualidade tem o trabalho que estamos a criar?

Da presença à participação efectiva



Nos dias 26 e 27 de Outubro, a FTC realizou, no Lubango, uma formação para equipas da **ADRA - antena Huíla e Namibe**, sobre metodologias para reforçar a participação efectiva de mulheres e meninas em projectos de desenvolvimento rural.

Diagnosticar
Identificar barreiras e factores que facilitam a participação.

Adaptar
Escolher metodologias adequadas às realidades comunitárias.

Acompanhar
Transformar a análise em acções concretas e acompanhar resultados.

FORMAÇÃO EM NÚMEROS

- **30 participantes** — 12 mulheres - 18 homens
- **12 horas de formação** — 3 módulos
- **5 grupos de trabalho**
- **5 planos práticos**
- **15 a 19 valores** — média: 16,8
- **27 avaliações** — 96,4% das pessoas presentes no 2º dia



Participar não é apenas estar presente. É conseguir expressar-se, influenciar e tomar parte nas decisões.

Programa: Mudar o Mundo - Trabalho Digno e Crescimento Económico



Disponível gratuitamente, em português, na RTP Play: clique aqui

Sobre o Programa

- A reportagem mostra como o trabalho digno e o crescimento económico se relacionam em contextos africanos lusófonos.
- Aproxima o ODS 8 de desafios concretos ligados a emprego, condições de trabalho e desenvolvimento.
- Ajuda a perceber que criar emprego e criar trabalho com qualidade não são exactamente a mesma coisa.

Por que recomendamos?

- Traz a discussão para África.
- Liga economia à vida das pessoas.
- Ajuda a olhar para além do número de empregos criados.

Ficha Técnica
Programa televisivo | RTP África / RTP Play
2023 | cerca de 30 min.

Leitura: *Estudo comparativo sobre prestações de desemprego para apoiar recomendações para Angola*

O estudo compara sistemas de protecção no desemprego de Brasil, Marrocos, Portugal, África do Sul e Tailândia para apoiar a reflexão sobre Angola.



Por que vale a pena ler?

- Mostra como diferentes países protegem as pessoas quando perdem o emprego.
- Traz experiências internacionais que podem apoiar a reflexão sobre Angola.
- Ajuda a pensar a relação entre emprego, protecção social e segurança de rendimento.

Publicação gratuita · disponível em português **clique aqui**.

JOGO DA FORCA

Complete as palavras com as letras em falta. Depois, guarde a letra indicada em cada desafio e junte as cinco letras para descobrir a mensagem escondida.



1

Q _ A _ I _ A _ E

Não basta contar empregos. Também importa avaliar a _____ do trabalho.

Guarde a 8.ª letra.

2

R _ N _ I _ E _ T O

Trabalhar gera _____. A questão é saber se é suficiente e previsível.

Guarde a 5.ª letra.

3

P _ O _ R _ S S Ã O

Quando o trabalho permite crescer, assumir novas funções e responsabilidades, pode haver _____ profissional.

Guarde a 4.ª letra.

4

C _ N _ R A _ O

O _____ pode definir direitos, deveres, duração e condições da relação de trabalho.

Guarde a 3.ª letra.

5

P _ O _ E _ Ç Ã O

A _____ ajuda a reduzir a vulnerabilidade em caso de doença, acidente ou perda de rendimento.

Guarde a última letra.

AGORA JUNTE AS CINCO LETRAS

Que palavra encontrou?

SOLUÇÃO: D-I-G-N-O = **DIGNO**

Porque ter trabalho importa.

Mas as condições desse trabalho também contam.



Histórias do mundo do trabalho

Hoje há obra. Amanhã, não se sabe

"Tenho 35 anos e trabalho em obras de construção há vários anos.

Não fico sempre na mesma obra. Quando uma termina, tenho de esperar para saber se vou entrar noutra. Às vezes chamam logo. Outras vezes, passo dias ou semanas sem trabalho.

Quando estou na obra, saio cedo de casa, passo o dia inteiro a carregar material, preparar massa, levantar parede, fazer o que for preciso. Há dias em que o trabalho não falta. O problema é que nem sempre sei até quando vai durar.

Já aconteceu começarem a dizer que a obra ainda tem serviço para mais dois meses e, de repente, reduzirem a equipa. Quem fica de fora volta para casa sem saber quando será chamado outra vez.

Também já passei meses em que recebi bem e outros em que quase não consegui fazer nada, porque não apareceu trabalho.

Em casa, isso pesa muito. Fica difícil fazer planos, assumir uma despesa maior ou até prometer alguma coisa aos filhos sem saber como será o mês seguinte.

Quando me perguntam se trabalho, eu digo que sim. E digo com verdade, mas muitas vezes, o que eu não sei é por quanto tempo."

Pergunta para você que acabou de ler:
Ele trabalha. Mas quanto da sua vida consegue realmente planear quando o trabalho também é incerto?

Partilhe a sua história connosco

- Partilhe a sua história laboral através do e-mail: geral@floritateloconsultoria.co.ao
- Todas as histórias partilhadas são tratadas com confidencialidade.

Ficha Técnica

- Publicação: Newsletter FTC - Género+ e Diversidade
- Edição: n.º 09 | Novembro 2026 | Periodicidade: Mensal
- Produção editorial: FTC - Género+ e Diversidade
- Revisão técnica: Equipa FTC

A nossa força está na diversidade!

(+244) 933 279 270 | (+244) 939 629 253

@floritateloconsultoria

WWW.FLORITATELOCONSULTORIA.CO.AO

GERAL@FLORITATELOCONSULTORIA.CO.AO

Como citar: FTC. (2026). Trabalho digno: para além do emprego. Newsletter FTC: Género+ e Diversidade, edição n.º 09. Luanda: Florita Telo Consultoria.

© 2026 FTC: Género+ e Diversidade. Todos os direitos reservados.
A reprodução parcial é permitida mediante indicação da fonte. A reprodução integral depende de autorização escrita.